

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O POVO PORTUGUÊS ANSEIA PELA AMNISTIA DE TODOS OS PRESOS E PERSEGUIDOS POLITICOS

Mais um Natal passou sem que o governo de Salazar cedesse aos pedidos de amnistia que de vários pontos do país lhe foram dirigidos, sem que pudessem regressar à Pátria os que tiveram de procurar asilo no estrangeiro. Deyemos, por isso, continuar a campanha, alargá-la e intensificá-la até que o último preso saia das masmorras da PIDE. Salazar e os seus esbirros mostram-se cegos e surdos à vontade da Nação enquanto não se levantar um potente movimento nacional contra a re-

pressão e pela amnistia.

Quando, em vez de dezenas de comissões pró-amnistia, tivemos criado centenas delas; quando, em vez de milhares de assinaturas, recolhemos milhares e milhares; quando fizermos muitas mais inscrições, colarmos muitos mais cartazes; quando multiplicarmos as mais variadas acções em prol da amnistia, então, estejamos certos de que Salazar recuará, será obrigado a recuar.

Desenvolver a campanha pela Amnistia é uma das tarefas mais importantes do momento. Ela é essencialmente uma campanha de humanidade e de justiça e tem por objecto a libertação de homens e mulheres honrados. Por isso, para ela devem ser mobilizadas todas as pessoas honestas, sem distinção de crença política ou religiosa. Onde houver um coração humano encontraremos, com certeza, um apoio, um estímulo, uma ajuda que, por pequena que seja, é sempre valiosa.

A nossa acção será somada a outras acções. A prova-lo estão as informações que nos chegam diariamente. Pela Amnistia a todos os presos e perseguidos políticos foram recolhidas 200 assinaturas em Aljustrel e 50 em Alcochete; numa fábrica da Marinha Grande, mais de 90 assinaturas e do Norte, foram enviadas 21 cartas ao Presidente da República, 25 a Salazar e 11 ao ministro da Justiça; em Gondomar e S. Pedro da Cova (arredores do Porto) fizeram-se inscrições e em Leiria foram colados 15 cartazes. Pedindo o regresso a Portugal do Bispo do Porto foi enviado ao Governo uma carta com 500 assinaturas.

O povo português não está só nesta batalha contra Salazar. Pela cessação do terror em Portugal e pela amnistia se levantam milhões e milhões de pessoas em todo o mundo. Além dos vários comícios realizados na União Soviética, na Checoslováquia, na China, no Brasil e em outras repúblicas sul-americanas, assinamos e declaramos das Federações dos Sindicatos, das Multidões e da Juventude chinesas a declaração de 50 parlamentares do Uruguai, representando quase todos os partidos políticos, para que cesse o terror em Portugal e sejam postos em liberdade todos os presos políticos.

No Brasil, no prosseguimento de reuniões preparatórias levadas a cabo, realizou-se a Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia dos Presos Políticos Portugueses e Espanhóis. Em S. Paulo, já estão recolhidas 200 mil assinaturas e esperam alcançar as 500 (continua na 2.ª pág.)

MAIS TRÊS CAMARADAS EM LIBERDADE!

Além dos dez camaradas que no dia 3 de Janeiro se evadiram da fortaleza de Peniche, também no passado mês de Dezembro reconquistaram a liberdade, evadindo-se das prisões fascistas, os camaradas Manuel dos Santos, Adélia Terruza e Dinis Miranda, o que constitui uma outra vitória do Partido Comunista e do povo.

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ÁLVARO CUNHAL, JAIME SERRA, JOAQUIM GOMES,
FRANCISCO MIGUEL, GUILHERME DE CARVALHO,
PEDRO SOARES, CARLOS COSTA,
FRANCISCO MARTINS, ROGÉRIO DE CARVALHO
E JOSÉ CARLOS
EM LIBERDADE!

COMUNICADO DO SECRETARIADO DO COMITÉ CENTRAL

Da Fortaleza de Peniche, onde se encontravam presos, evadiram-se no dia 3, para retomar o seu posto de combate contra o salazarismo, os camaradas Álvaro Cunhal, Jaime Serra, Joaquim Gomes, Francisco Miguel, Guilherme de Carvalho, Pedro Soares, (membros do Comité Central do Partido Comunista Português) e os destacados militantes Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Rogério de Carvalho, e José Carlos.

A libertação destes camaradas foi possível pela sua coragem e abnegação, pelo seu desejo de proseguirem no combate pela libertação do povo português do jugo salazarista, pelo auxílio que lhes foi prestado pelo Partido Comunista e pelo apoio popular.

O Partido Comunista Português saúda estes valerosos combatentes de vanguarda, alguns dos quais há muito tinham terminado as penas a que foram condenados, mas que os opressores salazaristas pretendiam manter indefinidamente presos, através das célebradas «medidas de Segurança».

Ao mesmo tempo, o Partido Comunista lembra que continuam encarcerados nas prisões salazaristas muitos abnegados patriotas que só pela luta do povo português e pela solidariedade dos povos do mundo inteiro serão libertados.

A recuperação para a luta destes valerosos camaradas, que em conjunto cumpriram 77 anos de prisão, constitui uma grande vitória e uma valiosa contribuição para a luta pela Paz, pela Democracia e pela

Independência nacional.

O aparelho repressivo fascista não deixará de intensificar a sua acção contra o Partido, contra as forças democráticas e o povo, para tentar refazer-se da grande derrota que acaba de sofrer. Isso exige de todo o Partido um esforço imediato e decidido para a defesa dos seus quadros e a consolidação da sua organização com vistas a poder, a curto prazo, intensificar toda a sua acção no terreno político.

A libertação destes camaradas não é apenas uma vitória do Partido Comunista, mas de toda a causa anti-salazarista e é um incentivo ao alargamento da acção de todos os portugueses honrados na luta contra o fascismo e por um Portugal democrático e independente.

O Secretariado do Comité Central do
Partido Comunista Português

SAUDAÇÃO

DOS DEZ CAMARADAS QUE SE EVADIRAM DA FORTALEZA DE PENICHE

Ao alcançarmos a liberdade e ao retomarmos o posto de combate, saudamos antes de mais o nosso Partido e o Povo Português, afirmando a nossa determinação de os servir como até hoje na luta pela instauração em Portugal de um regime de liberdade e legalidade.

Saudamos todos os portugueses honrados, qualquer que seja a sua ideologia ou crença religiosa; saudamos todas as forças e correntes anti-salazaristas, salientando a importância e a urgência da Unidade, como condição fundamental para

a solução do problema político português.

Sem o decisivo auxílio do Partido Comunista Português e da sua Direcção — a qual manifestamos toda a nossa confiança —, sem a coragem, o espírito de sacrifício e o apoio de numerosos comunistas e portugueses sem partido que nos ajudaram, não teria sido possível levar a cabo com êxito a nossa libertação.

Não queremos deixar de manifestar o reconhecimento pelas provas de simpatia e solidariedade ac-

tivas que, enquanto encarcerados, nos foram prestadas, assim como aos restantes presos anti-fascistas, pelo nosso povo e pelo movimento operário e democrático internacional, que tanto contribuíram para a defesa das nossas vidas.

Muitos dedicados filhos do povo português continuam nas prisões fascistas, sofrendo torturas e longos anos de prisão. A acção dos patriotas portugueses apoiada pelos trabalhadores e democratas do mundo conseguirá libertá-los também.

3 de Janeiro de 1960

- a) Álvaro Cunhal
Jaime Serra
Joaquim Gomes
Francisco Miguel
Guilherme de Costa Carvalho
Pedro Soares
Carlos Costa
Francisco Martins Rodrigues
Rogério de Carvalho
José Carlos

PODERÁ CRIAR NOVAS BASES AO DESENVOLVIMENTO

ECONÓMICO DO PAÍS E ACABAR COM O DESEMPREGO E A FOME NOS CAMPOS



Toda a gente conhece — uns melhor outros pior — a grande tragédia da vida de perto dum milhão de assalariados rurais portugueses que de seu só têm os braços, que estão privados da posse dum palmo de terra onde possam deitar uma semente.

Os trabalhadores rurais, lutando desesperadamente durante a maior parte do ano com a falta de trabalho e com a mais negra das fomes, ou ganhando salários de 15500 e 18500 umas escassas semanas, vivem na maior das misérrimas, sentem-se oprimitos pela repressão salazarista se lutam contra esta situação insustentável, são forçados a emigrar para o estrangeiro ou para as cidades à procura de trabalho, oferecem-se por qualquer salário ao patronato explorador, fazem assim concorrência feroz aos salários dos operários industriais.

A existência no nosso país de centenas de herdades e quintas com milhares de hectares de superfície — maiores que conchelos inteiros — e ainda à posse dessas herdades e quintas por umas escassas centenas de grandes capitalistas que, ou não as cultivam directamente por as trazerem arrendadas aos seareiros, ou então as trazem não cultivadas — de pastagens na sua maior parte — é a principal causa do desemprego rural e dos baixos salários para perto dum milhão de trabalhadores rurais. A mecanização da agricultura nas grandes herdades e quintas, sobretudo no Baixo Alentejo, está a transformar-se também numa causa de maior desemprego e maior miséria para os assalariados rurais. Além disso, os grandes agrários servem-se do emprego das máquinas para negarem melhores salários aos operários agrícolas.

A ruína dos camponeses pobres

Perto de meio milhão de camponeses pobres, que de seu só têm umas terras que cultivam intensamente, mas cujo rendimento não basta para eles se sustentarem e sustentarem e vestirem os seus, bem assim como para pagarem as contribuições e impostos ao Estado e às Câmaras e as cotas nos grémios, têm um nível de vida de tal forma baixo que se não afasta grandemente do nível de vida dos assalariados rurais.

Esses centos de milhares de camponeses pobres, sem terra suficiente para alimentarem; sem capital para comprarem em boas condições as sementes, os adubos e os insecticidas necessários; sem máquinas para lhes tornarem menos penosa e mais produtiva a cultura das terras; sem auxílio técnico desinteressado, vivem permanentemente à beira da ruína, conhecem uma vida cheia de preocupações e de angústias. Esses camponeses pobres, devido à política do governo de Salazar, em tudo favorável aos grandes agrários e sempre contra os seus interesses com as abate-

las dos preços e com o agravamento dos impostos, caem pouco e pouco nas mãos dos usurários, para pagamento das dívidas e juros em atraso, ou são forçados pela ruína a venderem aos grandes agrários essas terras e a transformarem-se em assalariados rurais, ou em operários, emigrando então, também eles, para as cidades. A situação dos rendeiros, parceiros e meeiros não é melhor. A elevação de ano para ano das rendas e partes a pagar aos proprietários das terras, a ganância destes protegida pelas leis fascistas, fazem com que se tenham arruinado milhares de seareiros, rendeiros e parceiros do Norte à Sul do país.

Esta é a situação dos camponeses em Portugal.

Os latifúndios impedem o progresso do país e a elevação do nível de vida do povo

O facto dum grande parte do solo português ser mal cultivado ou se manter inculto — há no nosso país mais de um milhão de hectares de terra que podia ser cultivada e está de pouso! — e da maior parte da nossa população laboriosa, que vive no campo, ter um baixíssimo nível de vida e um fraquíssimo poder de compra, fazem com que, nem a produção agrícola nacional chegue para as necessidades de consumo do país (e por isso temos de importar todos os anos centos de milhares de contos de trigo, de milho, de carne e de outros produtos) e com que a nossa indústria se não possa desenvolver, por não encontrar um largo mercado interno.

A luta pela reforma agrária

O Partido Comunista Português tendo em conta estas duras realidades nacionais, tendo em conta a necessidade de melhorar o nível de vida de milhões de portugueses, de acabar com a indignidade dos salários de fome de 16 e 18500 nos campos, de fazer desaparecer os horrores do desemprego rural e a emigração massiva para as cidades, de abastecer o nosso país de todos os produtos agrícolas que lhe são necessários, defende e luta desde há muito por uma Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha, que torne produtivos milhares de hectares mal cultivados ou incultos, que torne melhor, mais rica e mais alegre a vida do nosso povo e que tire um poderio económico-fiscal à parte mais parasitária e mais reaccionária da grande burguesia capitalista portuguesa.

A Reforma Agrária, a distribuição da terra monopolizada aos assalariados rurais e aos camponeses pobres que não têm terra suficiente, não será somente um acto de justiça social, de melhoramento das condições de vida de muitos milhões de portugueses, é a única base sólida para o progresso económico e cultural da nação portuguesa.

BALANÇO DE UM ANO DE LUTAS E DE ACCÕES DO POVO PORTUGUÊS

CONTRA O REGIME FASCISTA DE SALAZAR

O descontentamento popular contra o governo salazarista continuou a crescer durante o ano de 1959, apesar da vaga de repressão com que a camarilha governante tentou abafar a opinião pública.

Depois das magníficas jornadas de luta de 1958, no decorrer e após a campanha eleitoral, a vaga repressiva desencadeada pelo governo de Salazar durante o ano de 1959 não conseguiu deter as acções da classe operária e das outras classes laboriosas na defesa dos seus interesses vitais, nem conseguiu sufocar as acções de algumas das forças da oposição contra o regime fascista, como era intenção do governo.

As lutas da classe operária

Foi naturalmente, como sempre, a classe operária a classe que no país mais consequentemente e mais organizadamente conduziu numerosas lutas económicas e políticas, quer em defesa dos seus interesses vitais, quer contra a acção do governo de Salazar.

Mais de 50 mil trabalhadores movimentaram-se só no primeiro trimestre de 1959 em defesa dos seus interesses vitais, na luta por um aumento geral dos salários e ordenados. Na impossibilidade de clamarmos aqui todas as lutas, lembremos a luta vigorosa de 1.200 estaladores de Leixões e do Douro; as concentrações de milhas centos de metalúrgicos nos seus sindicatos em Braga, Porto, Lisboa, etc. na luta por aumento de salários e um novo contrato colectivo; a luta vigorosa dos trabalhadores da Carris do Porto, que conseguiram um aumento de 30% a greve durante 70 dias de mais de 6 mil pescadores de Matosinhos e centros piscatórios vizinhos, que terminou por uma vitória total dos

valentes pescadores; a luta vigorosa de 3 mil pescadores do bacalhau e dos pescadores algários; a luta e concentração de mais de 2 mil corticeiros do Seixal e Amora contra o desemprego; as lutas, durante muitos meses, de 1.500 mineiros de Aljustrel por melhores salários, bem assim como as lutas dos mineiros de S. Domingos e de S. Pedro da Cova; as concentrações de centenas de operários têxteis no seu sindicato em Guimarães e a recolta, no Porto, de centenas de assinaturas para um pedido de aumento de salários; as lutas repetidas dos têxteis da Serra da Estrela por melhores salários; a concentração de 500 ferroviários; do Barreiro no seu sindicato e os abaixo-assinados com milhares de assinaturas entregues em Lisboa e no Porto, pedindo um aumento de salários aos greves dos trabalhadores das Câmaras de Vila do Castelo e de Fortes Novas; as paralizações de 300 operários da fábrica de papel da Abelheira; a recente luta de 800 metalúrgicos da Pary & Son por melhores salários e as concentrações dos vidreiros da Marinha Grande no seu sindicato; as várias greves vigorosas dos assalariados agrícolas de Alpiatra e as várias lutas dos trabalhadores rurais contra o desemprego e por melhores salários em numerosas localidades, como por exemplo: Boleição, Coiro, Montemor-o-Novo, Soresel, Benavita, Aviz, Alcôbar, S. Cristóvão, S.º André, Pátua, etc. etc, todas elas testemunham a combatividade e a acção da classe operária em defesa dos seus interesses económicos, no decorrer de 1959, em que conseguiu vitórias locais ou parciais importantes.

As lutas da oposição em 1959

Embora enfraquecida, devido ao rompimento da unidade de acção alcançada no final da campanha eleitoral de 1958, a oposição continuou a desenvolver importantes acções de massas contra o regime salazarista no decorrer do ano de 1959.

Sem dúvida que a acção mais importante da oposição ao regime foi a campanha nacional pela demissão de Salazar, lançada no começo do ano, que provocou o aparecimento de vários documentos assinados por muitas centenas de individualidades e milhares de pessoas simples do povo, exigindo a demissão de Salazar. Entre esses documentos destacam-se o surgido no Norte, o dos estudantes universitários, o de Lisboa, o das Beiras, etc. etc.

(continua na 4.ª pág.)

PELA AMNISTIA

(continuação da 1.ª pág.)

mil. Na Câmara Federal, foi voz do deputado Campos Vergil, foi obrigado a Salazar e Franco um veemente apelo para que se evaziem os cárceres de presos políticos, apelo que foi acolhido favoravelmente pela câmara.

Estas são algumas das muitas e importantes acções da campanha nacional e internacional contra a repressão e pela amnistia em Portugal. Elas constituem um chamamento e um estímulo à acção de cada um de nós.

Dando a todos nós que o ano de 1959 seja ou não esmaltado com importantes vitórias na luta pela AMNISTIA.

(continua na 4.ª pág.)

"AVANTI" LECTOR AUXILIA FINANCIAMENTE O "AVANTI"

O ANO DE 1959



Todos se lembram de certo que em 1959 nasceu com dois êxitos das forças progressivas e democráticas — a revolução cubana e o lançamento do Lunik I, o primeiro satélite artificial do Sol. O ano de 1959 termina com a marcação da Conferência de Alto Nivel.

Vale a pena fazer um balanço embora rápido dos principais acontecimentos internacionais deste ano, repleto de ensinamentos.

Em 1959 realizou-se o XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Esse Congresso marca a construção da sociedade comunista na U.R.S.S. A aprovação do grandioso Plano Septenal, plano sem igual na história, e que pela vontade do povo soviético, será cumprido antes dos sete anos, abriu o caminho para um novo salto em frente na produção económica, no desenvolvimento cultural e no bem-estar dos soviéticos.

Dentro de poucos anos a União Soviética será a maior potência industrial e agrícola do mundo. O lançamento à água do quebra-gelos atómico e, em particular, os êxitos espetaculares dos Luniks marcam, em 1959, ainda um maior avanço sobre os Estados Unidos.

Em 1959 também todos os outros países do campo do socialismo deram novos passos em frente. Os 650 milhões de chineses, que comemoraram o 10.º aniversário da sua República Popular, fazem progredir o país, económica e socialmente, a passos de gigante, transformando em poucos anos um país essencialmente agrícola e atrasado numa grande potência industrializada e socialista.

Nos outros países socialistas da Europa e da Ásia alguns terminam já a construção da sociedade socialista e em todos aumenta a produção económica e as massas trabalhadoras vivem, durante este ano, elevar-se mais o seu bem-estar material e espiritual.

O progresso incessante do campo socialista caracterizou o ano de 1959. Foi dado assim um passo importante para a criação no mundo duma nova correlação de forças capaz de tornar evidente a impraticabilidade duma guerra mesmo aos mais loucos imperialistas.

Igualmente foi uma característica de 1959 o alargamento e aprofundamento da luta dos povos coloniais e dependentes.

A revolução cubana, que expulsou um governo ditatorial e terrorista e implantou um novo regime que defende as liberdades democráticas, legisou uma ampla Reforma Agrária: tomou outras medidas em defesa dos interesses do povo, não se libertou o seu país do imperialismo, como é um exemplo, (juntamente com a revolução venezuelana de 1958) para a luta dos povos da América Latina.

A sangrenta guerra de libertação dos patriotas argelinos, as lutas travadas pelos negros da Niassalândia e da Nigéria contra os ingleses, do Congo contra os belgas, etc., continuaram ou reforçaram-se durante 1959 e aproximaram esses povos da conquista da sua independência. Todo o velho continente africano se agita e a libertação de todos os seus povos do colonialismo avista-se já bem próxima. Os

progressos realizados na Guiné e em Ghana, os esforços, coroados recentemente de algum êxito, de Marrocos para se libertar das bases americanas, além de outros acontecimentos são também incentivos para os povos coloniais.

Em Novembro de 1959 realizou-se em Roma uma Conferência dos Partidos Comunistas da Europa Capitalista. Dando um balanço à situação política geral e, em particular, aos problemas das classes trabalhadoras na Europa capitalista, foi salientada a necessidade da unidade dos trabalhadores e de todos os democratas para a conquista e desenvolvimento da democracia.

Entre as lutas travadas nos dois países fascistas da Europa destacamos a greve dos pescadores do Norte e a campanha democrática pela demissão de Salazar em Portugal e a jornada de greve nacional pacífica de 18 de Junho em Espanha. Em França, devido aos esforços consequentes dos representantes mais destacados da classe operária francesa, foram conseguidos êxitos importantes nas eleições municipais de Março e pode-se dizer que o ambiente se inclina de novo para a esquerda, para a acção das massas contra a política anti-operária e reaccionária de De Gaulle.

Massa luta da classe operária contra a exploração estende-se a todo o campo capitalista como bem o demonstram a prolongada greve geral de 500.000 operários da siderurgia nos Estados Unidos, as recentes greves dos marítimos brasileiros, as greves na Argentina, Inglaterra, França, etc., etc.

Finalmente, o ano de 1959 foi um ano de intensa luta pelo desanuviamento internacional e pela Paz.

A URSS — a construir o comunismo — tem conduzido uma consequente política em defesa da Paz e, assente no seu poderoso desenvolvimento económico e científico e no veemente desejo de Paz de todos os povos do mundo, conseguiu convencer as outras grandes potências a realizar uma Conferência de Alto Nivel. O ano de 1959 será lembrado como o ano de franco desanuviamento, para o qual concorreram especialmente a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Genebra, as visitas de dirigentes ingleses e americanos à URSS e, com relevo particular, a visita de Krustchev aos Estados Unidos e as suas conversações com Eisenhower em Campo David.

Mas a luta pela paz tem de manter-se firme e poderosa, pois factos recentes, como a reunião de Dezembro da NATO à volta de preparativos de guerra — o delegado português alertava até contra os «perigos do desanuviamento» — mostram bem que os tão recentemente convertidos à fé da paz não o serão ainda consequentemente e que os defensores e fomentadores da guerra fria não se darão já por vencidos. Essa luta abarca todos os povos. Como o Ministro dos Estrangeiros Francês foi obrigado a reconhecer, «a palavra desanuviamento sai de todas as bocas».

No discurso feito na Assembleia das Nações Unidas em que apresentou a proposta soviética para um desarmamento geral e completo, Krustchev mostrou a todos os

BALANÇO DE UM ANO

(continuação de 2.ª pag.)

O governo fascista sentiu-se duramente atingido por esta campanha contra o seu chefe, surgindo em vários discursos de ministros e dirigentes salazaristas referências irrisórias ao efeito dessa campanha no país e no estrangeiro. A reacção dos fascistas a essa campanha não conseguiu ultrapassar uma limitada «housenagem» diária reduzidos centos de milhares a Salazar, em recinto fechado.

A criação da Junta Nacional de Libertação, organismo ilegal de unidade onde se encontram representados directamente vários agrupamentos da oposição, representou sem dúvida alguma um importante passo no sentido de se alcançar uma unidade de acção da oposição contra o regime. A J.N.L. apareceu já a delimitar posições perante alguns acontecimentos políticos nacionais.

O aparecimento dum novo movimento unitário da Juventude Portuguesa — a União da Juventude Portuguesa — movimento legal, que tem como objectivo unir e defender os Interesses próprios da jovem geração, representa também um importante passo no caminho da unidade de acção da parte mais progressiva e mais jovem do povo português. Dentro do mesmo objectivo foi criado também o Movimento Nacional dos Estudantes.

As lutas dos estudantes de Coimbra, do Porto e de Lisboa contra a repressão salazarista e de solidariedade com os seus colegas presos, merece também uma referência especial.

Embora sem objectivos políticos bem definidos, mas porque se entroncaram na luta geral que o povo português conduz contra a odiosa tirania do regime salazarista, devemos aqui mencionar as acções populares de Castelo Branco contra as forças repressivas (8 mil pessoas), bem assim como as manifestações populares de Souto, Assentiz e Outeirinho contra as autoridades fascistas e a acção repressiva da GNR.

As lutas dos comerciantes de Viana do Castelo e de Vila Real de Santo António contra o agravamento das contribuições, bem assim como a luta dos marchantes de Ponte de Lima contra as prepotências das autoridades salazaristas, embora de carácter económico, não deixam por isso de testemunhar o ambiente de franco descontentamento que existe em todas as camadas sociais contra a acção do governo e das autoridades salazaristas.

homens o caminho para uma Paz estável e os progressos que resultaram para a humanidade se as energias humanas e as verbas desviadas hoje para preparativos de guerra fossem aplicadas em actividades pacíficas.

O ano de 1959 é o ano em que a guerra fria deu lugar ao desanuviamento.

Que o ano de 1960 seja o ano em que esse desanuviamento se fortaleça e nasça em todos os homens uma esperança radiosa de Paz duradoura, é, decerto, uma aspiração de toda a humanidade.

Que o ano de 1960 seja igualmente um ano em que os portugueses dêem uma valiosa contribuição para a causa da Paz e se libertem do jugo salazarista.

As eleições para as Juntas de Freguesia, apesar da manobra do governo no sentido de colher de surpresa as forças da oposição, desprevindidas e sem possibilidades práticas de podermos apresentar a tempo listas de oposição, ainda foram disputadas em vários locais e as forças democráticas conseguiram algumas vitórias, particularmente em algumas localidades do Minho, onde a classe operária procurou orientar e organizar a luta.

As comemorações da Revolução de 5 de Outubro de 1910, apesar das proibições e entraves das autoridades salazaristas, tornaram vultoso em Braga, Porto, Torres Vedras, Alcaném, Leiria, Alenquer, Aveiro, Almaraz e outras localidades. Nas comemorações do 5 de Outubro, como em muitos outros actos políticos, temos parte activa a classe operária, destacando-se a participação dos operários do Minho.

Já quase no fim de 1959 realizou-se em Braga um alvoroço de 500 democratas de vários pontos do país, que representou um importante passo para uma possível unidade de acção das forças oposicionistas. A essa reunião, outras se vão suceder com o mesmo espírito largo de unidade.

O desejo de unidade de acção que anima agora vastos sectores das forças oposicionistas acabará por isolar os inimigos da unidade e abrirá novo surto à acção do nosso povo contra a tirania salazarista.

As acções do povo português contra o regime de Salazar não foram em 1959, nem o poderão ser para o futuro, sustentadas pela camarilha governante com a ferocidade da repressão, com o terrorismo político. A repressão salazarista é incapaz de conter a onda de descontentamento popular e a audácia revolucionária dos elementos da oposição; a repressão não conseguirá salvar da morte inevitável o decrepito regime fascista de Salazar.

O ano de 1959 terminou, pois, com o reerguer das forças oposicionistas e com boas perspectivas de unidade de acção de todos os anti-salazaristas.

É da unidade da classe operária em primeiro lugar, e da unidade das restantes forças da oposição com a classe operária, na luta comum contra o governo de Salazar, que depende a instauração duma era de paz, de democracia e de prosperidade económica em Portugal, que depende a felicidade do povo português.

REFORMA AGRÁRIA

(continuação de 2.ª pag.)

exigindo das autoridades salazaristas medidas imediatas contra os seus proprietários. Quando estes, em nome dos interesses nacionais, a cultivarem as terras e a darem trabalho aos desempregados, ou então exigindo a expropriação dessas herdades e sua partilha por intermédio das Casas do Povo e outras organizações. Sob a forma de planos anuais com centenas de milhares de assinaturas dos moradores duma freguesia ou concelho, concentradas massivas nas Casas do Povo, há que lutar por trabalho para todos, exigindo o cultivo das terras em áreas improdutivas e protegendo contra o emprego das máquinas pelos grandes agrários quando há braços parados, bem assim como contra os salários de fome.

Este luta dos assalariados rurais e dos camponeses pobres apressará o caminho para a conquista duma Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha.